

**ALFABETIZAÇÃO: O REAL COMPROMISSO DA ESCOLA, ATRAVÉS DA
ESCRITA E DA LEITURA**

Monografia apresentada a Universidade Federal do Paraná, no curso de Pós-Graduação visando obter o certificado de Especialista para Educadores de Jovens e Adultos, sob a orientação das professoras Rossana Finau e Angela Gusso

FRANCISCO BELTRÃO

1998

LÍSLIA VERÔNICA MATTOS VIANA

**ALFABETIZAÇÃO: O REAL COMPROMISSO DA ESCOLA, ATRAVÉS DA
ESCRITA E DA LEITURA**

FRANCISCO BELTRÃO

1998

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
CAPÍTULO I - O REAL COMPROMISSO DA ESCOLA, ATRAVÉS DA ESCRITA E DA LEITURA.....	05
CAPÍTULO II - PROPOSTAS DE CONTEÚDOS E METODOLOGIAS.....	14
2.1 - Conteúdos e Atividades.....	15
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

INTRODUÇÃO

Diante das constatações de que a alfabetização muitas vezes não tem apresentado resultados satisfatórios, da necessidade de mudar a práxis de sala de aula e a justificável ansiedade por parte dos professores-alfabetizadores de como proceder o encaminhamento do Processo de Alfabetização, em relação a aquisição da escrita, nosso trabalho visa uma reflexão teórica e prática sobre a Alfabetização com o intuito de que os alunos do Magistério o utilizem como material de consulta.

Entender a aquisição da língua escrita como algo maior que o desenvolvimento de habilidade motora é o ponto de partida para o entendimento do processo de alfabetização.

Outro ponto observado é que o processo de alfabetização inclui muitos fatores, quanto mais consciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo social, da natureza da realidade lingüística, envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtivo o processo de aprendizagem, sem sofrimentos habituais.

Para que isso se efetive, será necessário afirmar uma concepção de alfabetização com uma concepção de linguagem, tomada em toda a sua dimensão

discursiva. Proporcionando assim à criança a apropriação e domínio da linguagem falada e escrita, chegando à elaboração de textos coerentes, coesos, capazes de veicular sua própria voz. E o professor o responsável por promover situações de ensino-aprendizagem, mergulhando a criança no mundo da leitura e escrita, possibilitando assim ao aluno o domínio da linguagem para ser usada significativamente nas diversas situações da vida.

Assim a alfabetização é a aprendizagem da escrita e da leitura, portanto é uma atividade nova para a criança e requer um tratamento especial, sem perder de vista o aspecto da leitura, pois quem escreve, escreve para ser lido, desta forma a escola deve permitir uma leitura além de decifrar símbolos, uma leitura que enriqueça seus conhecimentos, busque informações, desperte o gosto e o “prazer” de ler e cada vez mais amplie seus horizontes.

Abordamos no Capítulo I, uma fundamentação teórica sobre a evolução histórica da língua, pois esta surge no contexto social, devido as necessidades dos indivíduos, ao mesmo tempo desenvolve, ganha significado e se aprimora, envolvendo sempre troca de experiência e estabelece contatos.

Na visão interacionista, a alfabetização é tomada como um processo de construção/aquisição, cuja linguagem passa ser dotada de significações.

No Capítulo II, apresentamos, propostas para o trabalho prático com texto sobre Alfabetização, onde salientamos atividades como oralidade, leitura, análise lingüística e produção de texto.

Assim, esperamos estar contribuindo para o ensino da língua, bem como da alfabetização, e que a escola cumpra seu verdadeiro papel, enquanto função social, visando a interação dos indivíduos no contexto social através do mundo da leitura e da escrita.

CAPÍTULO I

ALFABETIZAÇÃO: O REAL COMPROMISSO DA ESCOLA, ATRAVÉS DA ESCRITA E DA LEITURA

Evolução Histórica da Língua

Para entendermos melhor como se processa a aquisição da linguagem faz-se necessário um estudo inicial do que é “linguagem” e as várias teorias que a explicam. Se abrirmos o dicionário Aurélio, encontraremos as seguintes definições: “O uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre as pessoas; vocabulário específico usado numa arte, numa ciência, numa profissão.”

“Todo o sistema de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos, o que leva a distinguir-se uma linguagem visual, uma linguagem auditiva, uma linguagem tátil,, ou ainda, outras mais complexas, construídas, ao mesmo tempo, de elementos diversos.”

Segundo Chomsky, “Quando estudamos a linguagem humana, aproximamo-nos do que alguns chamam a ‘essência humana’, qualidades distintivas da mente que são, até onde conhecemos, exclusivas ao homem”. (Chomsky, in Vigotsky, Pensamento e Linguagem - 1988).

O termo “aquisição da linguagem” refere-se ao processo pelo qual a criança adquire os sistemas fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático da língua da comunidade em que vive, e que lhe permite gradativamente aproximar-se da linguagem do adulto.

De acordo com Luria (1985) através da evolução humana, pode-se verificar que a linguagem surgiu, nas suas mais variadas formas, nos momentos em que os homens sentiram a necessidade de se comunicar entre si. Foi usado o gesto, o desenho, o som e, num lento processo evolutivo, foi possível chegar-se a uma forma mais aperfeiçoada, codificada, que compõe a linguagem oral e a escrita de cada povo. Depreende-se daí a “linguagem é criação humana, assim como são outras criações culturais”. Ela depende do grupo social: por meio deste ela surge, se desenvolve, ganha significado e se aprimora, envolvendo sempre troca de experiências e estabelece contatos. É por meio dela que as pessoas se expressam, são compreendidas e compreendem as outras, projetam suas emoções e recebem as dos outros. Pela linguagem exteriorizam seus pensamentos, idéias e opiniões, conhecendo, também, as alheias: adquirem e transmitem noções e informações.

Pode-se concluir, então, numa conceituação ampla e global, que a linguagem é comunicação e, desde cedo, essa necessidade de comunicação aparece na infância e “aumenta de importância quando a criança se torna membro de grupos sociais mais amplos e complexos. O uso eficiente da linguagem é uma condição prévia do conhecimento e a cooperação em todos os níveis de relações sociais, estando intimamente associados com o pensamento e com a conduta da criança e constitui um importante fator de desenvolvimento da personalidade. Isto porque linguagem é emoção, é expressão, é comunicação e é processo mental.

O homem desenvolve sua capacidade de comunicação à medida que adquire gradualmente os processos mentais de elaboração, associação, integração, interpretação e transferência dos elementos concretos e sua correlação verbal. É com os elementos lingüísticos que, enfim, o homem pensa.

Quando a criança adquire as primeiras noções verbais, conforme (Ferreiro - 1987), ou seja, começa a usar palavra, já dentro do seu código, sua capacidade de pensar e ampliar a área verbal ganha velocidade; e então pensamento e linguagem se identificam e passam não só a servir-se mutuamente, mas formam uma unidade indissociável.

Pela linguagem, porém, o homem não só consolida seus laços societários e acumula conhecimentos transmitindo informações, como também, produz a possibilidade da consciência propriamente humana. Leontiev (1988), afirma que linguagem “não desempenha apenas o papel meio de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma de consciência e pensamento humano [...] torna-se a forma e o suporte de generalização consciente da realidade”.

De fato, a consciência só pode emergir simultaneamente à emergência da linguagem posto que, segundo Leontiev (1988), “a consciência é o reflexo da realidade retratada através do prisma das significações e dos conceitos lingüísticos, elaborados socialmente”.

Desta análise decorre a constatação de maior importância: a linguagem e a consciência não são “faculdades naturais” do homem, não estão dadas pela natureza, nem dons inatos, são fatos históricos ou seja o resultado da ação coletiva que os homens desenvolvem, no processo do trabalho, ao longo da sua história. Temos o privilégio de sermos o único animal que fala.

Como afirma, Cagliari (1993), a alfabetização tomada como processo de apreciação da língua escrita assume, na escolarização um papel fundamental o de instrumentalizar o aluno para a inserção na cultura letrada, criando condições e possibilidades de operar mentalmente, tornando-o capaz de formular e apreender conceitos socialmente construídos. Assim, aprender a língua, é mais do que aprender um instrumento de comunicação: é sobretudo construir estruturas de pensamento capaz de abstrações cada vez mais elaboradas. Resgatando assim o papel de maior importância da língua - a significação das palavras, construída na história dos homens e reconstruída num processo de interação verbal.

Complementando Ferreiro & Teberosky (1980), a apropriação do conhecimento socialmente produzido dar-se-á num processo de interação, no qual a criança elabora hipóteses, estabelece relações e a partir daí surgem conflitos cognitivos que lhe permitirão a construção da língua escrita.

Explicitando a importância da interação social no desenvolvimento cognitivo, Vygotsky (1988), elabora o conceito de “soma de desenvolvimento proximal” — espaço existente entre o nível de desenvolvimento atual da criança (o conhecimento já incorporado) e o nível de desenvolvimento potencial (aquele que permite a criança resolver os seus problemas sob a orientação do professor ou em colaboração com outras crianças).

Na interação verbal a criança constrói o significado das palavras e com isso recupera a rede semântica explicitando as possíveis relações entre os sujeitos e objetos. Assim, a alfabetização torna-se um processo de construção/aquisição cuja linguagem passa a ser dotada de significações.

A abordagem interacionista possibilita as crianças experimentais (hipóteses) de leitura e escrita da língua materna ou nativa, mesmo que sejam uma variante dialetais, pois, esta língua lhe facilitará a introdução na “língua padrão”, necessária à vida sócio-econômica e cultural de um povo.

Assim sendo, a fala é um produto histórico resultante da ação coletiva dos homens no trabalho — a escrita é uma produção histórica que ocorre na interação entre os homens. À escola, cabe o papel de conduzir à apropriação desta língua historicamente produzida.

Concepções Educacionais — a transposição da linguagem oral para a escrita.

Na concepção tradicional, o estudo da língua materna via a criança organizando o seu conhecimento lingüístico a partir de associações, estímulos e resposta-imitação e reforço. Primava-se o objeto em relação ao sujeito. A

alfabetização se reduzia a um ato artificial, mecânico e distante do sujeito a quem se aplicava.

Já na visão estruturalista Lennerberg (1967), pressupunha que todo o conhecimento é anterior a experiência sendo fruto de estrutura racionais pré-formados no sujeito. A linguagem é determinada inata biologicamente, são os fatores biológicos e não ambientais os responsáveis por esta aquisição. A alfabetização tinha como ponto de partida palavras-chaves, frases ou pequenos textos, treinados com controle motor e de percepção visual, dissociadas da realidade.

Em ambas as concepções não emergia o texto espontâneo, à criança só era permitido a produção de textos (narração, descrição, redação) no momento em que o domínio vocabulário estivesse perfeito. A forma como a língua era trabalhada impedia a expressão natural de idéias e pensamentos - conseqüentemente não ocorria a transposição da língua oral para a escrita e quando raramente isto acontecia era considerado ortográfico.

No modelo sócio interacionista proposto por Vygotsky (1988), nos parece o mais adequado, pois tornaria a aquisição da escrita mais tranqüila tanto para a criança quanto para a escola. As situações de interação entre criança/textos escritos, criança/adultos/leitores/ escribas, crianças e atividades sociais de leitura e escrita, desempenham papel fundamental neste processo de construção. Nos momentos de interação professor e aluno emerge a linguagem espontânea - a variedade lingüística das crianças.

Conforme esclarece Vygotsky (1984), “o processo de aquisição da língua escrita tem uma pré-história, que é o momento progressivo de apropriação pela criança, da idéia de representação que sempre tem como base, a fala”.

A criança aprende a utilizar, como meio de representação, inicialmente o gesto, a partir do gesto, utiliza o jogo e o brinquedo, também representa objetos e situações pelo desenho, configurando já o uso da linguagem escrita real. Deslocar o desenho de coisas para o desenho de palavras é uma transição natural e, para

Vygotsky, o “segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural.

Neste sentido, poder-se-ia redefinir o papel da escola em relação ao processo de alfabetização: o de compreender e aceitar a variedade lingüística da criança como ponto de partida do processo de leitura e escrita. Fala e escrita compreendem processos diferentes: - na fala, as hipóteses são elaboradas e reelaboradas imediatamente, pois a criança tem como espelho, modelo o presente; - a escrita, enquanto construção é uma representação do seu interlocutor, não tendo acesso imediato a forma convencional de linguagem, a criança levanta hipóteses e a partir delas é natural que transcreva em algum caso os sons da fala. Vale lembrar, que sendo a nossa língua de base alfabética, a criança, quando faz uso dos símbolos convencionais, manifesta tendências de representar na escrita a própria fala.

Possibilitar a escrita da sua variedade lingüística, permite ao professor, realizar um trabalho pedagógico, dinâmico, criativo, natural e espontâneo, em todas as atividades de língua, proporcionando às crianças o acesso à linguagem padrão.

A respeito à linguagem natural das crianças e conseqüentemente à transposição da fala para a escrita trará algumas implicações (erros ortográficos, fonológicos e de construção) ao processo de alfabetização que durante o período deverão ser mediadas pelo professor para que a mesma se aproprie realmente da língua padrão.

De acordo com a visão de Faraco (1988), todos os falantes da língua portuguesa são capazes de falar uns aos outros e de entender uns aos outros, no entanto dois falantes da mesma língua não falam exatamente, do mesmo modo, isto deve-se às suas diferenças individuais, sexo, idade, saúde, personalidade, estado emocional e as suas idiossincrasias pessoais. Cada pessoa fala diferente de todas as outras, ou seja, cada falante possui um dialeto individual chamado “idioleto”. Dentro da mesma língua, pessoas do mesmo grupo falam dialetos diferentes e estas tendem a aumentar proporcionalmente dependendo do isolamento comunicativo entre os grupos. Nos dias atuais este isolamento é menos acentuado devido aos modernos meios de comunicação, mas mesmo assim, os regionalismos persistem.

Ao tratarmos sobre a questão da transposição da fala para a escrita, evidenciaremos a fala das crianças - fala esta que ouvem dos adultos que convive. O dialeto usado na sua comunidade será produzido no momento em que levanta suas primeiras hipóteses de escrita que comparada à outras escritas se diferenciam uma das outras.

A partir do contato com as diferentes formas de escrita a criança percebe a existência de uma forma comum. Neste momento sente a necessidade de apreender a convencionalidade da língua (convenção ortográfica da língua).

Poder-se-ia então redefinir o trabalho pedagógico da escola como sendo o de media e discutir os usos e aspectos convencionais da escrita, facilitando e agilizando o processo de construção da escrita por parte de todas as crianças, mesmo daquelas provenientes de contextos sociais onde a leitura e a escrita praticamente inexistem.

Neste contexto, a alfabetização prioriza a construção da linguagem em momentos de interação entre os interlocutores emergindo assim o texto espontâneo.

A aquisição da linguagem escrita passa a ser adquirida num processo de construção, onde se permite ao aluno a produção de texto e registro de expressões independente de suas dificuldades gráficas.

Abramovay e Kramer (1985), conceituam a alfabetização de forma abrangente. É um processo ativo de leitura e interpretação, incluindo a decifração do código escrita, a compreensão, estabelecimento de relações e interpretações. A alfabetização é um processo de construção que engloba o fato de as crianças conversarem sobre a realidade, bem como de se darem conta do que está ao seu redor.

Portanto, antes de ser alfabetizada, a criança já teve muitas experiências com a leitura, tais experiências dependem das situações vivenciadas por ela desde o seu nascimento, buscando significado em tudo o que experimentou.

Para Marisa Lajolo (1994), “Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto se capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos”.

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler, como saber escrever Cagliari (1993), afirma, que o melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura, pois esta é a extensão da escola na vida das pessoas. E mais, tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado a leitura e depende dela para manter e se desenvolver.

E através da leitura da vida e do mundo que a criança aprende e fica conhecendo a realidade que o circunda, o mundo exterior. A leitura de um texto escrito varia em função da experiência pessoal de cada um. Por sua vez, a leitura do mundo pode ser mais intensa e mais profunda, quando feita à luz dos conhecimentos adquiridos nos textos escritos.

Para Lajolo (1994), o professor deve ser um incentivador e um mediador do ato de ler. Ele precisa ler muito, gostar de ler e fazer com que as crianças leiam. O professor precisa ter preparo teórico e metodológico e saber que a escola é o lugar natural da leitura.

Portanto, a escola deve proporcionar um material variado para o trabalho com a leitura, diversificando uma variedade de linguagem, tanto no vocabulário como na gramática. Ao mesmo tempo recuperar e trazer para dentro dela — o prazer — ponto básico para o sucesso de incentivo a leitura.

O professor desta forma, um incentivador e estimulador do ato de ler, procurando criar situações que estimulem o ler e o gostar de ler, e ao mesmo tempo criar e manter em sala de aula um ambiente que permita a interação dos alunos com o texto.

Portanto, a alfabetização, deve se efetivar a partir do contato direto com o mundo da leitura e da escrita, através de situações concretas e significativas, onde ler e escrever tornem-se uma necessidade para a criança, desta forma cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo (criança).

A escola para tanto, pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de diversas natureza; com textos que surjam do cruzamento de linguagem variadas e, evidentemente, com os textos da leitura que criam a possibilidade de a criança explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

Crianças de séries iniciais podem ir desenvolvendo, desde cedo, seus gestos de leituras e escritas, gestos que não se separam nessa fase. E tal trabalho só irá ocorrer, se houver participação e presença contínua do professor, que deverá atuar também como um mediador, portanto o educador tem que ser, antes de tudo, um leitor. Ele precisa ler muito, gostar de ler e fazer com que os pequenos leiam; precisa ler para eles, ler com eles e saber ouvir a leitura de textos estudados ou produzidos por eles.

É muito importante ler para a criança, desta forma vai se apropriando da escrita e da leitura de uma forma significativa, compreendendo a sua função social. Ela precisa entender que usamos a escrita para escrever sobre algo, para alguém ler e com algum objetivo.

A criança deverá ter ainda, oportunidade de registrar suas idéias. Pois é enquanto escreve que a criança aprende sobre a escrita, é vivenciando situações reais e significativas de leitura e escrita, que a criança vai interligando o saber.

Assim a fala, a leitura e a escrita deverão sempre ser trabalhadas juntas, já que uma atividade possibilita a outra e vice-versa, e é através desta que a criança é mergulhada aos poucos, no mundo da leitura.

Para finalizar, parafraseando Drumond, ao dizer que “amar se aprende amando”, o mesmo ocorre com a leitura e a escrita: ler se aprende lendo; escrever se aprende escrevendo.

CAPÍTULO II

PROPOSTAS DE CONTEÚDOS E METODOLOGIAS

O objetivo deste trabalho, na verdade é mostrar uma prática, dentro da teoria interacionista, na qual as atividades desenvolvidas estejam inseridas no contexto a qual o aluno convive, ao mesmo tempo proporcionar um estudo, análise e reflexão sobre a 'Alfabetização', tema este muito discutido pelos que se preocupam com a educação, aprofundando assim os conhecimentos teóricos e práticos, tendo em vista que a aprendizagem acontece através da "linguagem", num contexto histórico produzido pela interação com o outro, numa ação coletiva de troca e busca.

Todos os temas abordados levam a uma reflexão crítica por parte dos alunos, uma compreensão e abstração de idéias por eles vinculadas. Também possibilitando uma aumento gradativo no seu desempenho lingüístico e na produção de textos coesos, coerentes e argumentativos, utilizando-se de elementos da linguagem. Bem como estabelecer relações entre leitura e indivíduo, ou melhor, leitura/escrita, aprofundando seus conhecimentos, ampliando seu vocabulário e seus limites para obtenção de informações das mais simples as mais complexas.

A seguir apresentaremos a organização de atividades, em relação aos conteúdos-temas abordados que deverão desdobrar-se em oralidade, leitura e interpretação, análise lingüística e produção de texto, num perfeito entrosamento.

2.1 - Conteúdos e Atividades

TEXTO 01 - ALFABETIZAÇÃO

Oralidade

Leitura oral e silenciosa

Leitura feita pelo professor

Comentário Crítico

Consequências argumentativos na exposição de idéias.

Debate

Leitura

Argumentar as idéias contidas no texto

Atribuir significados que extrapolem o texto lido

Análise crítica do texto.

Análise Lingüística

Uso de recursos coesivos (conjunções, advérbios)

Percebendo o valor expressivo da pontuação no texto.

Produção de texto

Pesquisa sobre alfabetização nos dois sentidos: restrito e amplo.

Produção de um texto dissertativo.

TEXTO 01 - ALFABETIZAÇÃO

(1) O processo de aprendizagem do código é lento e gradativo. Aliás, como diz
(2)Leda Verdiani Tfouni, “talvez seja melhor não falar em alfabetização simplesmente, mas
(3)em graus ou níveis de alfabetização. O movimento do indivíduo dentro dessa escala de
(4)desempenho, apesar de inicialmente ligado à instrução escolar, parece seguir
(5)posteriormente um caminho, que é determinado sobretudo pelas práticas sociais nas quais
(6)ele se engajar”.

(7) Assim sendo, ao rotularmos a aprendizagem do código da escrita como
(8)“alfabetização”, estamos, de fato, salientando apenas uma parte do processo, bastante
(9)importante, é claro, mas não o processo de alfabetização em sua totalidade.

(10) Com efeito, um código é um sistema de sinais — ou de signos, ou de
(11)símbolos — que, por convenção prévia, se destina a representar e a transmitir a
(12)informação entre a fonte dos sinais — ou emissor — e o ponto de destino — ou
(13)receptor.

(14) Tomemos como exemplo o código de trânsito. A aprendizagem dos sinais desse
(15)código apenas nos coloca em condições de podermos ter acesso a ele. O mesmo ocorre
(16)com o código escrito. A aprendizagem dos sinais que o caracterizam (letras, notações
(17)léxicas e sinais de pontuação) apenas garante à criança o acesso ao código ou aos
(18)“instrumentos” que o veiculam, quais sejam, livros, jornais, revistas etc.

(19) Via de regra, é a escola que propicia tal acesso. Por isso, tornar-se
(20)alfabetizado é considerado por muitos como sinônimos de “escolarização”. Não
(21)esqueçamos, porém, que o início da escola de 1º grau marca apenas a entrada da criança no
(22)mundo misterioso dos signos gráficos que apresentam a língua. Até a criança chegar a

(23)conhecer e sentir de maneira satisfatória os valores e a magia que envolve esse mundo,

(24)muita água vai rolar por debaixo da ponte.

(25) É por isso que os especialistas empregam a palavra alfabetização em dois

(26)sentidos: um restrito e um amplo.

(27) Em sentido restrito, alfabetização é o ensino do código da língua escrita para que

(28)a criança adquira as habilidades de ler e escrever. Limita-se ao período inicial da

(29)escolarização.

(30) Em sentido amplo, alfabetização é entendida “como um fator de mudanças de

(31)comportamento diante do universo, que possibilita ao homemintegrar-se à sociedade de

(32)forma crítica e dinâmica”. Poderíamos aplicar à alfabetização em sentido amplo o que

(33)diz Luiz Alves de Mattos a respeito dos objetivos da atuação do professor: “São as

(34)transformações graduais que o mestre consegue operar no pensamento, na linguagem,

(35)no sentimento e nação de seus alunos, mediante o ensino da sua matéria”.

(36) Assim entendida a alfabetização em sentido amplo, resulta claro que, embora ela

(37)comece na 1ª série, na realidade, é um processo mais demorado e mais profundo a ser

(38)desenvolvido ao longo das demais séries e até continuar, independentemente da escola.

Oralidade

Leitura oral pelo professor

Dê sua opinião:

1 - A partir do texto lido o que você entende por alfabetização.

2 - Comente:

“Código é um sistema de sinais”.

Leitura e Interpretação

1 - Você leu no texto o que diz Leda Verdini Tfouni sobre alfabetização.

Você concorda com ela? Justifique sua resposta.

2 - Defina com suas palavras alfabetização: em sentido restrito e em sentido amplo.

3 - Na sua prática em sala de aula, a alfabetização é vista e trabalhada mais nos sentido amplo ou restrito?

4 - Você concorda que alfabetizado é sinônimo de escolarizado? Argumente.

Análise Lingüística

1 - Qual foi a intenção da autora em usar a palavra talvez?

2 - Substitua a expressão assim sendo por outra que mantenha o mesmo significado.

3 - Empregamos as aspas para: isolar citação textual colhida a outrem; isolar palavras ou expressões estranhas à língua culta, tais como: gírias, expressão populares, estrangeirismo, etc.; mostrar que uma palavra está sendo utilizada em sentido diverso do habitual; dar destaque a uma palavra ou expressão. Portanto, explique o uso das aspas no 1º parágrafo.

4 - Os parêntese servem para isolar explicações, indicações ou comentários acessórios. Explique por que a autora fez uso do parêntese no 4º parágrafo?

5 - “Assim sendo, ao rotularmos a aprendizagem do código da escrita como “alfabetização”, estamos, de fato, salientando...”

- Analisando os verbos acima sublinhados, a que pessoa do discurso eles se referem?

6 - Reescreva o 8º. parágrafo, numa outra ordem considerando as mesmas informações.

Produção de Texto

1 - Produza um texto dissertativo defendendo com clareza as idéias assumidas no debate com os colegas sobre a alfabetização no sentido amplo, para expor à turma, bem como no mural da escola.

Avaliação.

A avaliação será realizada nos diversos momentos do processo de ensino, através do aproveitamento, desempenho e do exercícios e tarefas desenvolvidas pelos alunos, tendo em vista a qualificação dos resultados alcançados, bem como da produção do texto dissertativo sobre o tema estudado.

Cronograma:

- 02 aulas: 50 minutos a aula.

TEXTO 02: O HOMEM QUE NÃO SABIA NEM LER

Oralidade

Leitura silenciosa realizada pelo professor.

- 1 - Visualização do texto.
- 2 - Compreensão do texto.
- 3 - Debate (opiniões individuais e coletivas)

Leitura e Interpretação

- 1 - Leitura crítica
- 2 - Leitura visualizada.
- 3 - Dramatização.
- 4 - Identificação dos personagens, do tempo e lugar.
- 5 - Questionamento das atitudes dos personagens.

Análise Lingüística

- 1 - Uso dos sinais de pontuação.
- 2 - Discurso direto e indireto.
- 3 - Elementos coesivos (pronomes).

Produção de Texto

- 1 - Cada aluno dará um novo final à história.
- 2 - Através da ilustração, produzir outro texto em grupo.

Era uma Vez

O HOMEM QUE NÃO SABIA NEM LER



01 - Um menino andando na rua encontrou
02 - um homem sentado na calçada.

03 - O menino ia da escola para casa. O ho-
04 - mem descansava depois de um dia duro de
05 - trabalho.

06 - — Moço, que horas são?, perguntou o menino.

07 - O homem disse que não tinha relógio e, para
08 - falar a verdade, nem sabia ver as horas.

09 - O menino não entendeu.

10 - O homem explicou:

11 - — Não sei para que servem aquele ponteiro e
12 - aquele ponteiroinho.

13 - Eles giram, giram e giram, mas não consigo
14 - entender direito como a coisa funciona.

15 - — Mas é tão fácil!, espantou-se o menino. O
16 - ponteiroinho marca as horas e o ponteiro marca
17 - os minutos. Por exemplo: se o ponteiroinho está
18 - no dez e o ponteiro está no cinco, isso quer dizer
19 - que são 10 horas e 25 minutos.

20 - O sujeito balançou os ombros.

21 - — Mas qual é o dez e qual é o cinco? Não sei
22 - ler os números.

23 - O homem tinha idade para ser pai do menino.

24 - — O senhor não conhece os números?

25 - — Nem os números, nem as letras.

26 - — O senhor não sabe ler?

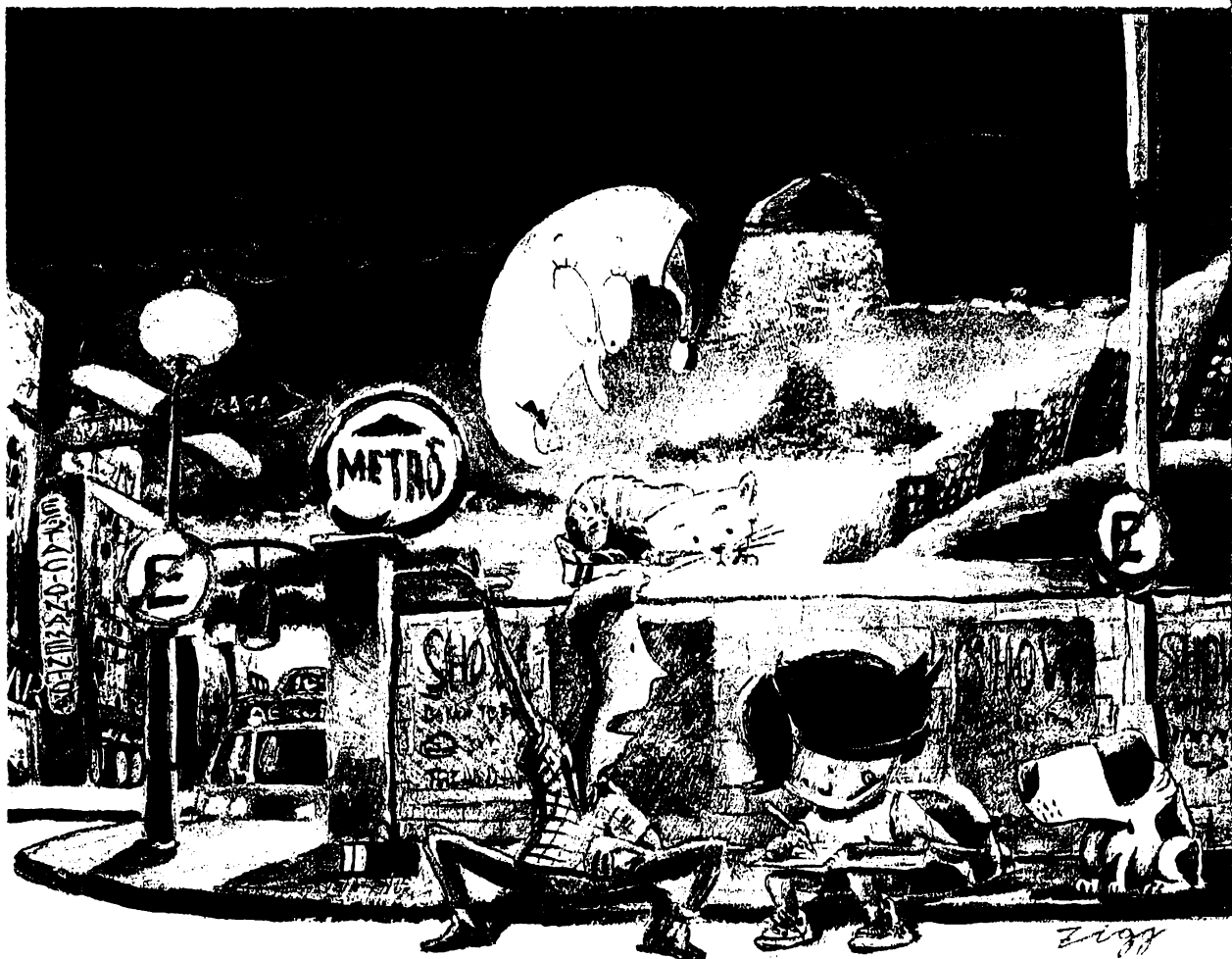
27 - — Nem ler, nem escrever.

28 - O menino espiou aquela pessoa sentada na
29 - calçada.

30 - — Às vezes na rua, disse o homem, olhando
31 - as letras dos cartazes, eu pergunto: o que será
32 - que elas dizem? Outras vezes, na banca, fico
33 - admirando as revistas, os jornais ... queria tanto
34 - poder ler as notícias, entender o que se passa no
35 - mundo, ler os letreiros dos ônibus e saber para
36 - onde eles vão...

37 - O homem suspirou.

38 - — Queria tanto ir para baixo de uma árvore,



39 - abrir um livro e ler uma história...

40 - Um automóvel entrou na curva soltando uma
41 - fumaça preta.

42 - — Eu não sou daqui, continuou o sujeito.
43 - Minha cidade fica depois da serra, pegando a
44 - estrada, passando a outra serra e depois a outra,
45 - lá longe, perto do mar.

46 - E seus olhos brilharam tristes.

47 - — Às vezes, fico me lembrando de casa, de
48 - minha mãe, meu pai, meus irmãos...

49 - O menino procurou um lugar para sentar.

50 - — Você sabe escrever?, quis saber o homem.

51 - O menino estufou o peito:

52 - — Já sou quase da terceira série!

53 - O outro sorriu:

54 - — Tenho uma noiva lá na minha terra. Ela é
55 - uma princesa. A coisa mais linda do mundo. Um
56 - dia a gente vai casar...

57 - Examinou o menino:

58 - — Escreve uma carta pra mim?

59 - Dizendo sim com a cabeça, o menino tirou
60 - um caderno e uma caneta esferográfica do
61 - fundo da mochila.

62 - O homem foi falando. O vento soprava
63 - morno. O homem contou que a cidade era gran-
64 - de. Contou que estava sozinho. Contou que sen-
65 - tia medo. Contou que quase tinha juntado um
66 - dinheirinho, que estava morto de saudade e que
67 - no fim do ano, se Deus ajudasse, pegava o ôni-
68 - bus e voltava para casa.

69 - O menino escreveu tudo com letra caprichada,
70 - dobrou o papel e entregou ao homem.

71 - A Lua havia surgido sem ninguém perceber.

72 - O menino precisava ir embora.

73 - O homem apertou a mão do menino.

Conto de Ricardo Azevedo Ilustrado por Ivan Zigg

Oralidade

Leitura feita pelo professor.

- 1 - Observando a gravura descreva-a oralmente.
- 2 - Comente o título do texto: "O Homem que não sabia nem ler".
- 3 - Após a leitura, debate, questionamento, o que é "ler", para você?

Leitura e Interpretação

- 1 - Observando detalhadamente, descreva a gravura.
- 2 - Identifique no texto os personagens, observando suas características individuais.
- 3 - Reconhecimento do lugar, onde aconteceu o fato, comprovando através da gravura e do texto escrito.
- 4 - "Quem não lê, não pensa e quem não pensa sempre será servo" (Paulo Francis).

Que relação há entre o conto de Ricardo Azevedo e a frase de Paulo Francis?

- 5 - Você comentou oralmente o título do texto, agora escreva um texto dissertativo sobre a importância da leitura, em seguida apresente para seus colegas.

Análise Lingüística

- 1 - Destaque no 15º parágrafo do texto a função do sinal de pontuação utilizado (?). Escreva uma oração usando o sinal de interrogação, com a mesma função do parágrafo analisado.

Note: As reticências marcam uma interrupção na sequência lógica da frase. Podem ser usadas com valor estilístico, ou seja, com a intenção deliberada de permitir que o leitor complete o pensamento que foi suspenso, ou para marcar fala quebrada e desconexa, própria de quem está nervoso ou inseguro. Também usa-se as reticências (de preferência, entre parênteses) para indicar que parte de uma citação foi omitida.

- 2 - Explique por que o autor fez uso da reticência, nas linhas:

48 -

56 -

3 - No 1º parágrafo, substitua a palavra “andando”, por outra do mesmo significado.

4 - No texto, a quem os pronomes citados fazem referência.

- Senhor:

- Meu:

- Aquela:

- Minha:

5 - O conto é marcado por discurso direto, escolha um trecho e transforme-o em discurso indireto.

Produção de Texto

1 - Releia o conto e a seguir, escreva uma narração do que poderia ter acontecido depois, em seguida leia para seus colegas, justificando o final criado por você.

2 - Produza um texto narrativo na qual a gravura sirva de cenário para um novo conto, depois montar uma coletânea dos textos produzidos e que esta sirva de material de leitura para os alunos das séries iniciais.

Avaliação:

O professor deverá considerar todas as atividades propostas, bem como o domínio dos aspectos formais: pontuação, parágrafo; capacidade de substituir palavras, de transformar diálogo direto em indireto e a produção de um texto narrativo.

Cronograma:

- 02 aulas: 50 minutos a aula.

TEXTO 03: “O PAPEL DA COMUNICAÇÃO E DA INTERAÇÃO SOCIAL”

Oralidade

Leitura oral realizada pelo professor.

- 1 - Leitura interpretativa e compreensiva.
- 2 - Clareza na exposição de idéias.
- 3 - Objetividade na exposição de opiniões.

Leitura e Interpretação

- 1 - Reconhecimento através da análise compreensiva, da interação vinculada no texto.
- 2 - Extrapolação do texto.
- 3 - Análise argumentativa.
- 4 - Identificação das idéias relevantes de texto.

Análise Lingüística

- 1 - Elementos coesivos.
- 2 - Domínio dos aspectos formais da escrita = sinais de pontuação.
- 3 - Concordância verbal e nominal.
- 4 - Acentuação.

Produção de Texto

- 1 - Pesquisar outros autores, tendo como tema “Linguagem”.
- 2 - Entrevista, com professores da Língua Portuguesa.

TEXTO 03 - O PAPEL DA COMUNICAÇÃO E DA INTERAÇÃO SOCIAL

Mary A. Kato

(1) Na visão inatista de Chomsky, a comunicação é apenas uma função secundária
(2) da língua, ao contrário da visão estruturalista, na qual a língua é considerada basicamente
(3) instrumento de comunicação. Assim, para Suassure, como sabemos, a língua é um objeto
(4) social cujo objetivo primário é a comunicação, tendo uma natureza arbitrária e convencional.

(5) O retorno que observamos, na área da aquisição, à concepção da língua como
(6) instrumento de comunicação deve-se principalmente à influência de Vygotski.

(7) Mais recentemente, Bruner, influenciado por Vygotsky, também diz que: “a fala
(8) funciona primeiro de modo a enfatizar os significados já estabelecidos em termos de uma
(9) atividade cooperativa”. Para ele, a língua é uma extensão especializada e convencionalizada
(10) da ação cooperativa: sua aquisição é uma transformação dos modos de assegurar uma
(11) cooperação que é anterior à língua.

(12) Vemos nessa afirmação um retorno à visão convencionalista, que também
(13) caracterizou a lingüística pré-chomskyana. Porém, a preocupação desse psicólogo — e
(14) também a de Vygotsky — não é apenas com os aspectos lingüísticos da comunicação, mas
(15) principalmente com os seus efeitos cognitivos.

(16) Como consequência desse novo enfoque, a atenção dos pesquisadores, que é
(17) então se concentrava na compreensão e produção da criança, se volta também para a fala do
(18) adulto, quando este interage com aquela. A importância desses estudos está em nos
(19) fornecer dados concretos sobre o tipo de estímulo a que a criança está exposta e sobre o
(20) papel do interlocutor mais velho nessa interação.

Extraído do livro: *No mundo da escrita — Uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo, Ática,
1986. p.115.

Oralidade

Leitura oral pelo professor

Leitura silenciosa.

Argumente. Dê sua opinião:

- 1 - "... a comunicação é apenas uma função secundária da língua...".
- 2 - "... a língua é considerada basicamente instrumento de comunicação".
- 3 - "... a língua é um objeto social cujo objetivo é a comunicação...".

Leitura e Interpretação

- 1 - Como a língua é vista na visão inatista e na visão estruturalista?
- 2 - Você concorda que a língua é um instrumento de comunicação?

Argumente.

- 3 - Explique, diferenciando língua de linguagem.
- 4 - Qual é a importância dos estudos sobre a fala dos adultos, feita pelos pesquisadores?

Análise Lingüística

1° O texto intercala algumas observações feitas pelos pesquisadores. Essas "falas" são marcadas por sinais de pontuação e palavras. Identifique, destacando-as do texto.

2° São elementos coesivos ele (3° parágrafo) e desse (4° parágrafo), estabelecem relações com outros termos citados anteriormente. Quais são estes termos.

3° "... a atenção dos pesquisadores que até então se concentrava..."

- O verbo concentrava concorda com que palavra do trecho acima?

Explique porque.

4° Justifique o uso do acento grave na palavra à, presente várias vezes no texto.

Produção de texto

1º_ Elaboração de um relatório sobre “linguagem”, após pesquisa realizada com diversos autores, para montar um arquivo que sirva de subsídio para pesquisa, para alunos e professores.

2º_ Entrevista com professores de Língua Portuguesa, para conceituarem “língua” e “linguagem”, formulando assim seu próprio conceito, para posterior apresentação para os colegas.

Avaliação:

- Será realizado através das atividades propostas, bem como a elaboração de um relatório e da entrevista, tendo em vista a apreensão e assimilação dos conteúdos estudados.

Cronograma:

- 03 aulas: 50 minutos a aula.

TEXTO 04: “O COMPROMISSO”

Oralidade

- Leitura realizada pelo professor e pelos alunos.
- Leitura argumentativa do texto
- Comentário
- Exposição de idéias claras e argumentativas
- Debate

Leitura

- Reconhecimento da presença do emissor, sem como a sua intenção.
- Identificação das idéias mantidas no texto.

Análise Lingüística

- Utilização de elementos e travessão
- Uso das aspas e travessão
- Exploração da escrita, estabelecendo relações diversas, troca, acréscimo ou supressão de palavras ou expressões.

Produção de Texto

- Produção de um texto dissertativo de opinião
- Produção de um acróstico com a palavra “alfabetizar”
- Confecção de mural

TEXTO 04 - COMPROMISSO

(1) Na última edição justificou-se a troca do nome do
(2)Jornal. Defendeu-se que todo o professor é ou deve ser um
(3)alfabetizador. Portanto, em lugar de "Jornal da
(4)Alfabetizadora" preferiu-se "Jornal do Alfabetizador".

(5) Se a ação alfabetizadora não se reduz à ação de
(6)tornar alguém capaz de decodificar o código: se o processo
(7)de alfabetização significa tornar alguém capaz de
(8)compreender, de refletir sobre, de julgar e transformar o
(9)lido; se alfabetizar é construir a cidadania a partir da
(10)construção do Homem, levando-o a perceber o mundo e a
(11)perceber-se como criatura superior, consciente e
(12)responsável pelos rumos da humanidade, então, ALFABETIZAR é
(13)o compromisso, é a condição de ser-professor.

(14) O exercício da docência, pouco importa em qual grau
(15)de ensino se realize, é, antes de tudo, um exercício de
(16)aprender a ler e a escrever junto ao discípulo que do
(17)mestre se aproxima para adquirir o domínio da arte de usar
(18)a linguagem com sucesso. Muito se fala, nestes dias, sobre
(19)a importância do conhecimento. Afirma-se, em toda parte,
(20)que no próximo século vencerão os detentores do
(21)conhecimento. Todavia, a conquista do conhecimento passa
(22)pela boa alfabetização. Por isso, não há professor, não há
(23)disciplina, não há texto a ser lido ou trabalhado que não
(24)implique um trabalho alfabetizador. Impõe-se, assim, a
(25)compreensão de que ser alfabetizador é o compromisso de
(26)todo aquele que ensina, enquanto ser alfabetizando –
(27)sujeito do processo – e a condição de todo aquele que busca
(28)o conhecimento, a sabedoria, a qualidade de vida.

Oralidade

Leitura oral do professor

Leitura silenciosa pelos alunos

1° O que você entende por “compromisso”.

2° Comente oralmente: “Todo o professor é ou deve ser um alfabetizador”.

3° De acordo com o texto, qual é o compromisso do professor-alfabetizador.

4° No próximo século vencerão “os detentores do conhecimento”. Exponha seu ponto de vista, sobre a afirmação acima.

Leitura e Interpretação

1° A quem é dirigido este Editorial?

2° Justifique a mudança de nome do jornal.

3° Sintetize o 2° parágrafo do texto.

4° Dê a sua opinião sobre: “No próximo século vencerão os detentores do conhecimento”.

Análise Lingüística

1° a) Temos no 1° parágrafo, a expressão portanto, substitua por outro de sentido igual.

2° b) Substitua a expressão por isso no 3° parágrafo por outra que mantenha o mesmo sentido do parágrafo.

3° Explique as funções dos sinais de pontuação que aparecem no texto: aspas e travessão.

4° Qual o significado que estabelece a expressão assim no 3° parágrafo?

5° Descreva a frase no plural, usando adequadamente as concordâncias: “Não há professor, não há disciplina, não há texto a ser lido ou trabalhado que não implique um trabalho alfabetizador”.

Produção de Texto

1º “A compreensão de que ser alfabetizador é compromisso de todo aquele que ensina, enquanto ser alfabetizando - sujeito do processo - é a condição de todo aquele que busca o conhecimento, a sabedoria, a qualidade de vida”.

- Considere atentamente o trecho acima, extraia dele um tema para a produção de um texto dissertativo de opinião, para ser publicado no jornal da escola.

2º Mostre que você é uma pessoa criativa e inventiva. Crie um acróstico com a palavra “Alfabetizar”, para posterior exposição no mural da escola.

Avaliação

Através dos debates orais, exposição clara das idéias, fluência e organização, ter clareza dos sinais de pontuação trabalhado bem como, a capacidade de expandir idéias, a criatividade e o espírito inventivo nas produções de texto.

Cronograma

03 aulas: 50 minutos a aula.

TEXTO 05: O MUNDO DA LEITURA E A ESCOLA

Oralidade

- Leitura oral pelo professor e alunos.
- Desenvolvimento da expressão oral.
- Adequação das idéias sem fugir do assunto.
- Relatos de experiências relacionadas ao tema leitura.

Leitura

- Confrontação das idéias contidas no texto.
- Argumentação das idéias expostas no texto.
- Atribuição de significados que extrapolem o texto lido.

Análise Lingüística

- Utilização da concordância verbal e nominal.
- Identificação e função dos elementos coesivos.
- Exploração das palavras sinônimas.

Produção de Textos

- Elaboração de textos informativos, através de cartazes.
- Criação do “cantinho da leitura” com materiais coletados para despertar o gosto e o prazer do ato de ler.

TEXTO 05: O MUNDO DA LEITURA E A ESCOLA

(1) É função primordial da escola ensinar a ler. É função essencial da escola
(2)ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha dos materiais de
(3)leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em
(4)todas as suas interfaces.

(5) A escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de diversas
(6)naturezas; com textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e,
(7)evidentemente, com os textos da literatura que criam a possibilidade de o indivíduo
(8)explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

(9) Crianças de séries iniciais podem ir desenvolvendo, desde cedo, seus gestos
(10)de leitura e escrita, gestos que não se separam nessa fase. E tal trabalho só irá ocorrer,
(11)se houver participação e presença continuas do professor, que deverá atuar também como
(12)um medidor.

(13) E que precisa o professor fazer ainda, além de atuar como medidor, para que a
(14)leitura se desenvolva com todo vigor entre os pequenos?

(15) Premissa básica: o professor tem que ser, antes de tudo, um leitor. Um
(16)professor que não leia, jamais trabalhará bem com a leitura. Ele precisa ler muito,
(17)gostar de ler e fazer com que os pequenos leiam; precisa ler para eles, ler com eles e
(18)saber ouvir a leitura, ainda tímida e descompassada, que seus alunos fazem do texto
(19)estudado ou dos textos que eles próprios produzem.

(20) O professor precisa ter preparo teórico e metodológico e saber que a escola é o
(21)lugar da leitura.

Bibliografia

Cardoso, B. e Teberosky, A. Reflexão sobre o ensino de Leitura e Escrita. 2.ed., Petrópolis, Vozes, 1994

Lajolo, M. - Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. São Paulo, Ática, 1994

Martins, M. H. (org.) - Questões de Linguagem, 3.ed., São Paulo, Contexto, 1994

Proust, M. - Sobre a Leitura. Campinas, Pontes, 1992

Oralidade

Leitura oral pelo professor.

1º Qual é o significado da palavra primordial no texto?

2º Como podemos ensinar a ler?

3º O que fazer para tornar os nossos alunos leitores?

4º Ziraldo em uma entrevista no programa “Jô 11:30”, disse que 90% dos professores brasileiros não lêem. Você concorda com isso?

Leitura e Interpretação

1º “É função primordial da escola ensinar a ler”. Comente.

2º Como podemos proporcionar e desenvolver relações entre leitura e indivíduo?

3º Explique com suas palavras o 3º parágrafo.

4º O texto diz que nos professores devemos ser mediadores no desenvolvimento da leitura e escrita de nossos alunos. Como ser mediadores neste processo?

5º “O professor precisa ter preparos teóricos e metodológico e saber que a escola é o lugar natural da leitura”.

a) O professor, principalmente das séries iniciais está sendo preparado para exercer sua função de mediador da leitura e escrita?

b) A escola realmente está exercendo sua função primordial que é ser o lugar natural da leitura? Justifique.

Análise Lingüística

1 - Que outros termos podemos usar no lugar de primordial?

2 - Leia as frases abaixo observando as palavras sublinhadas e explique a função delas.

a) “A escola pode e deve trabalhar...”

b) “... seus alunos fazem do texto estudando ou dos textos que eles próprios produzem”.

3 - “O professor tem que ser, antes de tudo, um leitor”.

a) Reescreva a frase acima no plural, usando adequadamente a concordância verbal e nominal.

4 - Reescreva as frases abaixo substituindo as palavras sublinhadas por outras que tenham o mesmo significado nesse contexto.

a) “... se houver participação e presença...”.

b) “É função essencial da escola...”

c) “Cabe formalmente à escola desenvolver as relações...”

Produção de Texto

1º - Elabore cartazes com textos informativos chamando a atenção das pessoas para a importância da leitura. Use de criatividade e conhecimento e exponha no mural da escola.

2º - Seja uma pessoa inovadora e preocupada com a educação, busque enriquecer o espaço de leitura na sua escola, coletando textos diversos e expondo-os no “cantinho da leitura”, para que os colegas da escola tenham acesso para a leitura dos mesmos.

Avaliação

Serão observados os seguintes critérios: sequência lógica na exposição de idéias; identificação e reconhecimento das idéias do texto; exploração da escrita (troca, acréscimo ou supressão de palavras), produção de cartazes, bem como a coletânea de textos diversos.

Cronograma

03 aulas: 50 minutos a aula.

CONCLUSÃO

Ao concluir nosso trabalho, após pesquisas, leituras e reflexões, constatamos que a linguagem surge como uma necessidade para organizar a experiência e o conhecimento humano, no domínio da natureza, sendo uma necessidade, portanto é um fato social. Ela se desenvolve, ganha significado se aprimora envolvendo sempre troca de experiências e estabelece contatos.

Salientamos, que é pela linguagem que as pessoas expõem seus pensamentos, idéias e opiniões, conhecendo, também as alheias, adquirem e transmitem noções e informações.

Constatamos, que a alfabetização é um processo de construção significativa, basta partir da realidade da criança, do seu contexto e de seu pequeno mundo é convidá-la a falar a respeito. Naturalmente, será necessário obter a sua adesão e fazer com que ela se abra, se solte. A fala que brotará dos seus lábios será a sua leitura de mundo. O seu meio de expressão pode variar: a música, o canto, o desenho, a expressão corporal, a pintura, a dança.

Portanto, é primordial que a criança sinta que não está sozinha, mas amparada, estimulada e premiada pelo incentivo e elogio constante do professor. Este longe de tentar ler, para a mesma ouvir embasbacada, sem oportunidade de fazer a sua leitura, procurará ler junto com ela e juntos partilhar dos resultados.

Podemos afirmar, que são necessárias muitas atividades concretas de linguagem, assim como atividades de reflexão, para levá-la a um certo amadurecimento que lhe permita estabelecer a ponte entre a linguagem oral, que ele conhece, e a escrita, que precisa aprender para integrar no mundo em que vive.

Sendo assim, a escola deve proporcionar um material variado para o trabalho com a escrita e a leitura, diversificando, assim uma variedade de linguagem tanto no vocabulário como na gramática. Ao mesmo tempo recuperar dentro dela o prazer pela leitura.

O professor desta forma é um incentivador e estimulador do ato de ler, criando situações para tal num ambiente sadio de atenção, de ordem, de trabalho e de interação.

Por fim, esperamos que a proposta que apresentamos para o trabalho teórico e prático com textos, onde salientamos atividades de oralidade, leitura, análise lingüística e produção de texto, possa contribuir para o ensino da língua, bem como de alfabetização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01-BAMBERGUER. Como incentivar o hábito da leitura. São Paulo: Ática, 1996
- 02-CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1989
- 03-CARDOSO, B. e TEBEROSKY, A. Reflexão sobre o ensino de Leitura e Escrita. 2.ed., Petrópolis: Vozes, 1994
- 04-FARACO, C. A. Escrita e Alfabetização. São Paulo: Contexto, 1992
- 05-FARACO, C A.; TEZZA, C. Prática de Texto. Rio de Janeiro: Vozes, 1992
- 06-_____. Oficina de Texto. Apostila UFPR, 1996
- 07-FERREIRO, Emília e TEBEROSKY A. Psicogênese da escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985
- 08-FERREIRO, Emília. Os processos de leitura e escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987
- 09-GERALDI, João Vanderlei. O texto na sala de aula - Leitura e Produção. 2.ed. Cascavel/PR: ASSOESTE, 1984
- 10-KATO, Mary. No mundo da leitura. São Paulo: Ática, 1986
- 11-KLEIMAN, Ângela. Leitura: Ensino e Pesquisa. Campinas/SP: Pontes, 1989

- 12-KOCH, J. V.; TRAVAGLIA, L.C. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 1989
- 13-LAJOLO, M. - Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo. São Paulo: Ática, 1994
- 14-LEMLE, Miriam. Guia Teórico do Alfabetizador. São Paulo: Ática, 1988
- 15-MAROTE, J. F. D'OLM & FERRO, Gláucia D. M. Didática da Língua Portuguesa. 2.ed. São Paulo: Ática, 1996
- 16-MARTINS, M. H. (org.) Questões de Linguagem. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994
- 17-VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1987
- 18-_____. A formação Social da Mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988
- 19-Currículo Básico para Escolas Públicas do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Curitiba, 1988
- 20-Dicionário Aurélio
- 21-Gramática Celso Cunha
- 22-Jornal do Alfabetizador. Kuarup. Porto Alegre/RS, 1997 (Publicação Bimestral - n.47,48,49)